

SÉRIE NOVO PACTO DA CIÊNCIA-12

**Cremilda de Araújo Medina**  
(Organizadora)

# Nas trilhas do Saber Plural

## Três décadas de interrogantes



*Pensadores de autorias interdisciplinares*

Cremilda Medina. Milton Greco. Marcos Zibordi. Lucilene Cury. Walter Trinca. João Frayze-Pereira. Artur Teles de Araújo (homenagem póstuma). Carolina Klautau. Eliane Fadigas. Sinval Medina. Márcia Blasques. Patrícia Patrício. Lenina Pomeranz. Ana Maria Marangoni (homenagem póstuma). Renato Seixas. Dimas Künsch. Salvato Trigo. Elen Geraldês. Angela Farah. Tânia Sandroni. Andrea Tedesco. Edson Capoano. Ana Lúcia Medeiros. Liana Milanez. Demétrio Magnoli. Mara Rovida. Fernando Rezende. Gean Gonçalves. Jaqueline Lemos

# Nas trilhas do Saber Plural: Três décadas de interrogantes

Cremilda de Araújo Medina (Org.)

Projeto Gráfico  
Carlos A. Tavares Junior

Ilustração de Capa  
Daniel Medina

## Universidade de São Paulo

Reitor  
Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitor  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Arminda do Nascimento Arruda

## Escola de Comunicações e Artes

Diretora  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Brasilina Passarelli

Vice-diretor  
Prof. Dr. Eduardo Monteiro

## Departamento de Jornalismo e Editoração

Chefe  
Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly

Vice-chefe  
Prof. Dr. Luciano Guimarães

**“Essa obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que citada a fonte e a autoria respeitando a Licença Creative Commons indicada”**

---

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

N241 Nas trilhas do saber plural [recurso eletrônico] : três décadas de interrogantes / organização Cremilda de Araújo Medina. – São Paulo: ECA-USP, 2022. PDF (199p.)

1. Comunicação. 2. Transdisciplinaridade. I. Medina, Cremilda de Araújo.

CDD 23. ed. – 302.2

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

ISBN 978-65-88640-65-4  
DOI 10.11606/9786588640654

---

Índice para catálogo sistemático  
1. Comunicação: 302.2



**Creative Commons 4.0**

Atribuição, Não comercial  
Sem derivação

# Nas trilhas do Saber Plural

## Três décadas de interrogantes

SÉRIE NOVO PACTO DA CIÊNCIA-12

**Cremilda de Araújo Medina**  
Organizadora



### **Pensares de autorias transdisciplinares:**

*Cremilda Medina. Milton Greco. Marcos Zibordi. Lucilene Cury. Walter Trinca. João Frayze-Pereira. Artur Teles de Araújo (homenagem póstuma). Carolina Klautau. Eliane Fadigas. Sinval Medina. Márcia Blasques. Patrícia Patrício. Lenina Pomeranz. Ana Maria Marangoni (homenagem póstuma). Renato Seixas. Dimas Künsch. Salvato Trigo. Elen Geraldes. Angela Farah. Tânia Sandroni. Andrea Tedesco. Edson Capoano. Ana Lúcia Medeiros. Liana Milanez. Demétrio Magnoli. Mara Rovida. Fernando Rezende. Gean Gonçalves. Jaqueline Lemos.*

## NAS TRILHAS DO PROJETO PLURAL

**Cremilda Medina**

Já nos idos de 1960, ao cursar numa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Jornalismo e Letras Clássicas (numa época em que não tinham surgido as faculdades de Comunicação Social), minha formação foi muito inspirada nas disciplinas de humanidades, cruzadas com as disciplinas técnicas. História, Geografia, Sociologia, Ciência Política dialogavam com os temas clássicos da imprensa, com certa ênfase no Direito e na Ética que regiam as regulações da liberdade de expressão (na década de 1970, viria a incorporar a discussão da Nova Ordem da Informação, ou seja, o Direito Social à Informação e a responsabilidade do jornalista nessa mediação). Nas disciplinas de Didática do curso de Letras, os conteúdos pedagógicos eram partilhados com estudantes de todos os campos de conhecimento oferecidos na URGs. E nesse convívio dentro e fora das salas de aula, é preciso acrescentar o tônus cultural da época (1961-1964), um intenso debate político do projeto social para o Brasil. As atividades estudantis lideravam discussões e ações que pretendiam superar injustiças e desigualdades sociais.

Essas sementes de integração dos saberes iriam continuar no clima de opressão com a ditadura militar de 31 de março de 1964, data da minha formatura em Jornalismo. Não por acaso, naquela noite, o paraninfo, Leônidas Xausa (1932-1998), professor de ciência política, nos avisou, ao chegar à formatura no Salão de Atos da Universidade, que alguma coisa muito séria estava acontecendo em Minas Gerais. No dia seguinte, 1º de abril de 1964, amanhecemos com diploma de jornalistas e com o propósito de ingressar na resistência cultural. A formatura de Letras ocorreria em dezembro do mesmo inesquecível ano e daria substância complementar à prática jornalística no exercício pedagógico do ensino médio (1965) e logo depois no ensino superior (1967).

Como tive oportunidade de registrar estes eventos em outros textos e livros, quero agora marcar outro antecedente da década posterior, quando, radicada em São Paulo (dezembro de 1970) para cá me mudei junto com a pequena família – Sinval Medina e nossos filhos Ana Flávia, cinco anos, e Daniel, um ano – para cursar o primeiro pós-graduação em Ciências da Comunicação, criado na USP em 1972. Tive o privilégio de ser convidada pelo sempre lembrado Prof. José Marques de Melo (1943-2018) para trabalhar no departamento de Jornalismo, antes mesmo do início do pós-graduação. Cancelei meu contrato com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde lecionava como assistente de catedrático desde 1967, e passei a atuar como auxiliar de ensino na USP em janeiro de 1971.

Começava então um intenso período de formação multidisciplinar, de prática pedagógica na graduação do curso de Jornalismo com motivação inovadora em meio a um clima político adverso à criatividade. Capitaneados pela energia acadêmica de Zé Marques e pelos estudos das novas disciplinas da pós, saíamos dos limites das técnicas para o fenômeno da comunicação social no seu âmbito teórico, com ênfase na sociologia; na diversidade cultural, com a iniciação à antropologia da comunicação;

---

Cremilda Medina, jornalista, pesquisadora, mestre, doutora, livre-docente e professora titular sênior pela Universidade de São Paulo, é autora de vinte livros e organizou 59 coletâneas, entre elas, a *Série Novo Pacto da Ciência*, que completa 30 anos em 11 edições e cuja trajetória está contemplada neste título.

e na exploração da linguagem, com os subsídios da semiologia (não esquecendo a linguística e literatura dos cursos de minha graduação nos primeiros anos de 1960). O departamento de Jornalismo e logo acrescido de Editoração, que Marques implantou com a contratação de Sinval Medina para coordenar o novo curso, pois bem, o CJE da ECA/USP era um laboratório de projetos que em muito ultrapassavam os cânones das gramáticas jornalísticas e editoriais.

No afã de nos municiar de bibliografia de ponta, além dos livros disponíveis no mercado internacional (muitos adquiri em viagens nos anos 1970, sobretudo em livrarias de Barcelona, Paris, Lisboa e Londres), havia na gráfica da ECA uma operosa publicação de textos avulsos, indicações que chegavam a José Marques de Melo e encaminhadas ao curso de Editoração. Vou fixar o foco em um deles, publicado em 1972, que hoje avalio como trilha fundante do Projeto Plural: *O novo estilo da ciência*, de Henry Margenau (1901-1997), físico e filósofo da ciência alemão-americano, que nos inquietou, no início dos 1970, com o que seria a crise de paradigmas e a fragmentação do conhecimento científico, tão profundamente debatido no **Primeiro Seminário Transdisciplinar** na ECA em 1990, e resultou na publicação dos anais e ensaios em 1991, há exatamente 30 anos.

O texto de Margenau foi transcrito da publicação *Cultura Universitária* nº 98/99, Caracas, Venezuela, janeiro/junho de 1968. A edição local, de circulação restrita, de 1972, oferece um rico mapeamento de inquietudes que atravessam o século XX e se projetam no tempo presente. Para o pensador (seria um polímata?), a ciência do século XIX era predominantemente fática, acumulava dados exatos e confiáveis buscando a determinação de constantes na natureza. A ciência do século XX que o filósofo e físico valoriza, é uma aventura humana, grávida de desafios e ideias, esperanças e frustrações – seus conceitos transcendem em grande parte o domínio dos fatos mensuráveis. Antes, o ponto de partida era a verdade axiomática, infalível, para chegar a certezas estatísticas.

Margenau anota sutilezas: esse paradigma não estava totalmente errado, mas prometia o que não podia cumprir. Afirmava, por exemplo, que quando se termina um **modelo**, se resolve determinado problema. (É curioso que o físico traz à pauta epistemológica dos modelos e conceituações fechadas o caso que muito discutimos nos anos 1970 da influência da televisão, ou seja, que a violência da ficção televisiva injetava diretamente violência no espectador, em geral, a criança.) Outra inferência importante do ensaísta diz respeito à ausência de **imprevisibilidade nos profetas da previsibilidade** – e cita como contexto do século XX, “a calamidade da explosão demográfica”. Para ele, a ciência é tão variável como o espírito humano, e é imprevisível. O acaso e a incalculabilidade são inerentes ao desenvolvimento da ciência. Para o filósofo o que **não se compreende cientificamente**, faz parte do que não pode ser suprimido - são outras expressões humanas como a política, a poesia ou a religião.

Em confluência com as lógicas paraconsistentes que estavam surgindo, como na proposta do matemático brasileiro Newton da Costa, aponta o abalo paradigmático do século XX: a partir do núcleo duro, a ciência se defrontou com a contradição de suas leis. E para culminar o ensaio alinha seis trilhas epistemológicas do **novo estilo**:

1) A decadência do materialismo, tomando como referência, a perturbação que mecânica quântica trouxe às leis da física mecânica no início do século XX;

2) A bancarrota dos sentidos comuns diante de sentidos menos amarrados ao território conhecido, mas empreendedores no território desconhecido;

3) A renúncia aos modelos mecanicistas, pelo menos não confiar neles ilimitadamente;

4) A liberdade ao desbravar a indeterminação do microcosmo;

5) A inclusão natureza-homem e não a disjunção entre natureza e o homem espectador;

6) A dispersão do dogmatismo – a ciência não abriga nenhum absoluto, nenhuma verdade final.

Há uma máxima na conclusão que merece registro nesta síntese:

*A ciência rechaça problemas eternos  
porque rechaça respostas eternas.*

Significativo ir às recorrências. Avanço agora para 1990. Entre essa rica e tormentosa fase de 1970 a 1975, quando saímos da universidade por motivos políticos, trabalhei dez anos exclusivamente na imprensa (sem abandonar as inquietudes transdisciplinares) e o novo período com a volta à USP em 1986 talvez tenha sido a grande oportunidade de unir os saberes acadêmicos às artes. Nunca perdera o prazer da literatura, do teatro, do cinema ou das artes plásticas, mas atuar durante dez anos nessa área no jornal *O Estado de S. Paulo* representaria a experiência diária para aprofundar o que chamaria nos anos 1990, o **gesto da arte**.

Gesto é ação: o artista se move na cultura, na sociedade, na história. Talvez nesse movimento de **personagem a povo** encontro com mais propriedade os desafios do **signo da relação**. E é o que procuraria nas viagens às assinaturas artísticas de 1975 a 1985, nos dez anos de intervalo universitário forçado pela ditadura. A mediação cultural dos artistas com seu povo me oferece descobertas que integram a percepção solidária e o ensaio compreensivo do Outro, o que as teorias científicas muitas vezes não contemplam. Munida de explicações estruturais das ciências da comunicação, poderia ter ficado na produção acadêmica departamentalizada. Mas preferi a **reportagem/ensaio** numa navegação em mares desconhecidos. Poderia ter ficado também na cadeira de editora de artes, simplesmente editando o que me viesse à mão, à máquina de escrever na época. Mas preferi sair da redação, viajar, ir ao encontro da obra de arte, ao ato de criação, ao contexto abrangente de onde saiu, ao autor e a seu povo. Assim visitei e me deparei com os espantos da realidade imprezível que só a imaginação delirante do artista toca de perto. América Hispânica (do Sul e Central), América do Norte, Europa e os extremos da diversidade nos meus horizontes bibliográficos – a então União Soviética e alguns países da África. Essas trilhas dos anos 1980 muito contribuíram para levar adiante a reflexão na Academia, não só em torno das Ciências da Comunicação como naquilo que Marginau nomeou o Novo Estilo da Ciência.

Em 1986, voltava à Universidade de São Paulo sequiosa de enlaçar novos estudos, nova pesquisa. No mesmo ano defendia o doutorado, etapa que fora interrompida em 1975. Logo começaria a partilhar inquietudes acadêmicas com os alunos e orientandos de pós-graduação na Escola de Comunicações e Artes e no Prolam (Programa Inter Unidades de Pós-Graduação em Integração da América Latina). Então, no final dos 1980, estudava nesse ambiente a possibilidade de reunir na ECA/USP um grupo de cientistas que, inquietos nas suas especialidades, se dispusessem a debater a **crise de paradigmas e o fragmentalismo da ciência**. Na minha percepção, a Comunicação Social e as Artes (campos de conhecimento da ECA) eram o espaço adequado para tentar a **ousadia transdisciplinar**.

E assim foi. Empenhei quatro meses do primeiro semestre de 1990 na coleta de linhas de pesquisas de áreas não familiares das ciências naturais e biológicas, bem como reencontrar trilhas específicas das ciências humanas. Com auxílio de alguns especialistas, fui formando um elenco de pesquisadores e, em longas conversas nas visitas a várias unidades da USP e em outras universidades de São Paulo, extraí subsídios epistemológicos para apresentar os participantes do Primeiro Seminário Transdisciplinar – a Crise de Paradigmas -, em junho de 1990, cujo registro em Anais saiu sob o título *Novo Pacto da Ciência* (São Paulo, ECA/USP, 1991). E é com essa marca que se inicia uma série, hoje com onze títulos publicados a partir da USP e de outras universidades em que organizei coletâneas. A presente edição irá percorrer, em onze capítulos, as trilhas do *Projeto Plural*, nome que se consagrou na corrente de pesquisadores há trinta anos.

Mas para abrir o primeiro capítulo, vou me deter no ponto de partida. A apresentação não promete a inter e transdisciplinaridade acabadas num seminário que, afinal, expôs o embate e não se fechou em definições, expressou discussões ricas no espírito de busca e não a afirmação competitiva de cada área de conhecimento. “Mais cedo ou mais tarde – digo no texto introdutório – de acordo com os diferentes ritmos se atingem perplexidades comuns.” Foi muito gratificante poder assinalar nessa apresentação que, “através de uma dura jornada, correu um dilema substancial: como pode a Ciência se aproximar da Vida e a ela devolver dignidade, melhores condições materiais e felicidade”. Ao que tudo indica, “o principal eixo do encontro foi o ser humano e não teorias ou práticas de laboratório”. E nesse âmbito, todos se confessaram aprendizes da complexidade, interrogativos quanto a seus paradigmas delimitados, contaminados pelo sentimento poético e respeitoso com as sabedorias ancestrais. No último parágrafo da introdução, a série estaria lançada:

O novo pacto da ciência com a arte e as diferentes sabedorias humanas realimenta o desejo ancestral: podemos nós, cultores do conhecimento científico, contribuir de algum modo para a paz, justiça e ecologia? A tríada, apresentada e discutida neste relato, parece sintetizar os objetivos de uma ciência eficiente para o século XXI.

Numa manhã de junho de 1990, abre-se o seminário de apenas um dia no auditório da ECA a que acorreram estudantes de graduação e de pós-graduação e alguns professores. Na condição de mediadora, apresento os convidados em um breve perfil que colhere nas visitas do primeiro semestre: o químico **Atílio Vanin**, que infelizmente nos deixou em 2001, vocalizaria o retorno à liberdade, numa ruptura com as rotinas científicas; o matemático **Jair Minoro Abe**, que substituiu o matemático **Newton da Costa** (que não pode participar por problema de saúde), traria à mesa a deslumbrante noção das lógicas paraconsistentes, importante contribuição de Newton da Costa para a Ciência nos anos 1950; o psicanalista **João Frayze-Pereira** nos inquietaria com a outra Verdade, a da Arte Incomum produzida nos hospitais psiquiátricos; o sociólogo **José Carlos Bruni**, contundente na crise dos paradigmas, chamaria a mesa para a imprevisibilidade dos movimentos sociais e a falência de categorias estruturais que eliminam o Sujeito; o físico **Newton Bernardes** que, infelizmente também perdemos em 2007, sacudiria pressupostos científicos com dilemas introduzidos pela física quântica, para matizar o programável na ciência (apolínea) com o improgramável na arte (dionisíaca); da era das incertezas e da abrangência do todo humano e do todo homem-natureza se ocuparia o biólogo e sociólogo (por si, multidisciplinar) **Milton Greco**, que seria parceiro direto na organização de vários dos seminários posteriores; já o físico **Sílvio Salinas** insistiria, pela tradição da física mecânica e as novas

concepções da física quântica, na convivência de paradigmas, de leis de regularidades com explorações no indeterminado, ou seja, determinismo e probabilidades estão presentes nos resultados práticos da ciência; mas para o psicanalista **Walter Trinca**, o desafio da área é atuar na consciência humana povoada de “entulho”, de objetos materiais, para compreender o indizível tal qual esse se expressa na Arte, saindo dos Objetos-Coisa para a Imaterialidade dos Sujeitos; para quem trabalha com o cérebro, como o neurocientista **Wilson Luis Sanvito**, não daria mais para reduzir os fatos cognitivos ao behaviorismo, ou à simples fisiologia cerebral pois de seu contato e estudo da mente humana, precisa se valer das neurociências mais psicologia cognitiva, gênese social da consciência e da linguagem.

Iria desta apresentação, que não foi contestada pelos convidados, para o primeiro embate, pela manhã, com a reserva de palavra para a mesa. A leitura dos anais publicados há 30 anos é muito rica e vou me arriscar a breves apontamentos que hoje me chamam a atenção. O tema da fragmentação do conhecimento científico foi de imediato guindado à polêmica, pois o pesquisador de física quântica Newton Bernardes (1931-2007) nos reforçaria com sua visão de que a fragmentação faz parte do racionalismo (que ele simboliza em Apolo) e pergunta no seminário: é possível aplicar a fragmentação racional à Arte (que ele representa em Dionísio)? Em um segundo momento, quando colhi ensaios de alguns dos participantes do seminário, Newton Bernardes publicou um texto brilhante – *O dilema da física moderna: um dilema humano milenar*. (Pág. 133)

Antes de outro físico, Sílvio Salinas, afirmar sua posição perante o colega, Walter Trinca insistiu que mais do que o problema da fragmentação de paradigmas na ciência, era a turbulência dos objetos sensoriais na consciência humana. Salinas se posicionou então perante o dilema Apolo/Dionísio - para ele, insiste, os paradigmas convivem e não se superam. O médico e neurocientista Sanvito acrescentou a importância da linguagem que organiza o pensamento. O que deu margem ao psicanalista João Frayze-Pereira deslizar para a Arte Incomum que ele, junto à antecedência de Nise da Silveira (1905-1999), tanto tem se dedicado. Também este autor incluiu no volume o ensaio *O sorriso da loucura (a propósito dos vestígios de Arthur Bispo do Rosário)*. (Pág. 175)

Milton Greco, se valendo da epistemologia recheada de pesquisa de campo sociológica (junto ao antropólogo Waldemar de Gregori, líderes da corrente denominada Cibernética Social), levantou dúvidas que cruzam as relações humanas, políticas e sociais: 1) a impossibilidade do saber enciclopédico; 2) a complexidade, tudo está interligado; 3) as variáveis ocultas no conhecimento normatizado, como, por exemplo, o que não cabe na linearidade de causa e efeito ou a dicotomia sujeito-objeto; 4) a descoberta da entropia (1850), o caos no lugar da ordem que instabiliza todos os projetos portadores de segurança; 5) de tudo isso decorre a negação de paradigmas fechados da ciência; 6) decorre também o holismo como antítese ao racionalismo positivista.

Logo outro sociólogo, José Carlos Bruni, retomou essa trilha paradigmática para sublinhar que se trata de reintegrar à compreensão científica os agentes sociais, antes estratificados em categorias no paradigma explicativo. Invoca a reflexão livre, crítica e constante sobre o modo (cotidiano) da inserção na vida humana das dimensões políticas e institucionais no lugar de enquadramentos estanques. E quem traria a mobilidade interpretativa das contradições seria, por incrível que pareça, a matemática. O polonês Stanislaw Jaskovski em 1948 antecipava o que Newton da Costa no Brasil viria a propor em 1953 como lógicas paraconsistentes. De sua



equipe, Jair Minoro Abe, que o substituiu no seminário, vocalizou essa significativa quebra de paradigma na matemática e escreveu um ensaio *Lógica e para consistência*. (Pág.185)

Para o químico Atílio Vanin (1944-2001), a fragmentação do conhecimento científico tem um espelho direto na estrutura administrativa e de conteúdos na universidade. Estendeu seu olhar crítico também para o paradigma das carreiras e as exigências do volume de trabalhos publicados, às custas do estiolamento da criatividade. As palavras do pesquisador que nos deixou tão precocemente deixam uma visão de futuro: o químico, ao saudar o debate sobre a crise de paradigmas, o interpretou como sinal de que “nos dispomos a romper com a rotinas científicas para retornarmos à liberdade de pensar”. Para o psicanalista João Frayze-Pereira, essa liberdade está fora dos limites institucionais, é sempre interrogativa e não assertiva. Por isso, Vanin exalta a imaginação criadora e a partir da física, da química ou da biologia, convém a aproximação à Arte onde não se encontra a “comunidade dos conformados”, segundo a visão apolínea que Newton Bernardes apontara. Para Sanvito, neste fértil debate da manhã, é urgente a estratégia de somar o conhecimento comum ao conhecimento filosófico (lógica), ao conhecimento ancestral, ao conhecimento transcendental.

À tarde, o seminário ganhou posições e questionamentos de alguns participantes do auditório. De saída Francisco Karam, à época pós-graduando da ECA (por sinal, desenvolvendo seu mestrado sob minha orientação) levantou como cerne dos debates paradigmáticos da ciência a vertente da Ética, tema de sua dissertação, voltada para a profissão dos jornalistas. Para Karam há de ocorrer um movimento das particularidades à universalidade ética nos domínios científicos. O que Milton Greco pressupõe como um longo caminho e Newton Bernardes indica a ruptura do olhar programável para a descoberta das interações que, na visão de Sanvito, exige o deslocamento da simplificação e da disjunção para a ambiguidade, a imprecisão ou a desordem. Mas não é fácil aderir ao caos, quando a ciência se abriga no saber enclausurado das certezas. Bruni lembrou que na história da ciência foi custoso e gratificante superar a magia com a racionalização e assentar a estratégia explicativa no saber institucionalizado e elitizado, o que implicou, além dos benefícios, um sério custo, ou seja, o abandono da estratégia (ou metodologia?) compreensiva pavimentada por intermináveis interrogantes.

Milton Greco fez questão, a essa altura, de recorrer as duas visões de paradigma: o da ciência normal, tal qual definiu Thomas Kuhn; e o de cosmovisão societária. É principalmente nesta segunda acepção que vêm a primeiro plano valores, questões de poder e desafios da ética que Karam levantou. Sílvio Salinas também fez questão de observar que o autoritarismo tanto pode se manifestar na ciência quanto nas concepções mágicas da religião, mas que essa tendência assertiva de explicações do mundo material ou humano não invalida as regularidades e os modelos. Salinas, sempre vocalizando a coexistência de paradigmas, marca mais uma vez sua posição quanto à sucessão de modelos no conhecimento científico, isso graças à pesquisa em processo, não a pontos fixos de ancoragem. E então João Fraize-Pereira invoca a Outra Verdade, a passível de ser compreendida no despertar imaginativo, criativo.

Rubens Venâncio dos Santos, professor de Ética do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté, participante do seminário, exteriorizou o principal alicerce dos debates: o ser humano como sujeito da ciência. Mas Sanvito quis retomar o tema dos modelos que, segundo ele, se consagraram no século XIX. Como neurocientista lidando com o cérebro humano, tem a perspectiva

concreta de que este não pode ser pensado em termos de modelos. E o psicanalista Walter Trinca acrescentou: há modelos que funcionam e há modelos que não funcionam, por exemplo na psicanálise. A singularidade do sujeito, de sua relação consigo mesmo e com o outro não cabe em modelos pré-estabelecidos. João Frayze-Pereira não deixa escapar a oportunidade em apontar para o absolutamente singular da Arte Incomum em uma instituição psiquiátrica.

Mas Karam ainda se sente inquieto: e se as particularidades forem antagônicas, qual vai prevalecer? João Frayze-Pereira observa de imediato, não se pode encarar como estruturas fechadas, mas um desafiador processo de estruturação em que não há vencidos ou vencedores, mas um movimento passível de interação, de compreensão, apaziguamento. Salinas volta à carga dos modelos. Ao se valer de exemplos estatísticos, dos domínios da informática, insiste que modelos servem para fatos simples, não para fatos complexos. Vira para Walter Trinca e, ao reafirmar a importância de padrões na física mecânica, reconhece também que não sabe se funcionam na psicanálise. Então o discreto matemático ensaia classificar os modelos, as lógicas. Jair Minoro Abe enumera três trilhas por onde deslizam os modelos: 1) a realidade da fala (contexto sociocultural, interpreto eu); 2) a abstração na matemática; 3) dimensão sintática da linguagem. Pergunto-lhe em seguida: e a para consistência? Abe indica que é um campo em exploração. (Depois enviou seu ensaio a respeito, constante da publicação à página 185).

Walter Trinca voltou ao humano como centro da ciência. Para ir ao desconhecido nessa consciência colonizada pelos objetos materiais é mais necessário que nunca um pesquisador despreconcebido, aberto à emergência não sabida. Perante tantas angústias das disciplinas representadas neste seminário, Milton Greco eleva a abordagem transdisciplinar em que, no diagnóstico de Bruni, possamos migrar do positivismo das ideias para a observação da realidade.

Ao término do encontro, a professora universitária Maria de Fátima da Silva, também de Taubaté, não me deixou apenas exercer a mediação e quis saber como eu aplicaria ao campo da comunicação social e do jornalismo estas discussões paradigmáticas. Nas páginas 117 e 118 lhe respondo como todo este debate nos mergulha numa crise semelhante aos demais campos de conhecimento, pois lidamos diretamente com modelos técnicos, paradigmas e regulações profissionais que ainda se fixam na mentalidade positivista do século XIX. Mas é no texto que escrevi para um congresso internacional na antiga Iugoslávia, também em 1990, e incorporado aos ensaios do *Novo Pacto da Ciência* (1991), que atendo às questões levantadas por Maria de Fátima – *Jornalismo e a Epistemologia da Complexidade* (pag. 193).

A jornada inesquecível chegou aos momentos de despedida no fim da tarde, com satisfação estampada em todos os participantes que, como dissera o neurocientista Wilson Luís Sanvito, pela manhã, havíamos esfregado cérebro a cérebro. Também voltaram ao ato culminante as propostas de contínuo investimento: **poder viver e viver convivendo** (Milton Greco); **autoconhecimento e conhecimento do conhecimento** (Sanvito); **a superação do fragmentalismo** (Newton Bernardes); **parceria do filósofo e do poeta no encontro com o maravilhoso** (Jair Minoro Abe); **só reuniões como esta nos ajudam a nos completarmos** (Atilio Vanin); **a superação da divisão institucional do trabalho científico** (José Carlos Bruni); **discussões assim podem superar a divisão de departamentos** (Sílvio Salinas). Uma participante, silenciosa até a etapa final, a psicóloga Ana Maria Barbosa, orientanda à época de Walter Trinca, propôs um tema fundamental para a inter e transdisciplinaridade – **a prática de coorientação** na pesquisa de dissertações e teses (justamente eu estava experimentando com seu orientador essa interação, tão rica para todos nós).

Ao fechar o Primeiro Seminário Transdisciplinar, além de agradecer, é claro, as ricas e generosas contribuições, firmei o compromisso de expandir esta importante dinâmica tanto na USP como em outras universidades. Não foi um compromisso em vão: os últimos trinta anos têm debatido e ampliado as noções registradas no *Novo Pacto da Ciência, a Crise de Paradigmas, 1º Seminário Transdisciplinar – Anais* (São Paulo, ECA/USP, 1991). Ao longo do primeiro e dos dez seguintes capítulos, recuperam-se ensaios e seminários que levaram adiante as inquietudes epistemológicas contemporâneas. E que não param de surgir, principalmente nos dois últimos da pandemia da Covid-19.

Em 2020 e 2021, se o intercâmbio presencial não foi possível, o grupo de pesquisa aproveitou a comunicação à distância para revisar e atualizar os pioneiros alicerces da transdisciplinaridade. Na atual edição prestamos homenagens a autores que nos deixaram, inclusive vítimas do Novo Corona Vírus. Mais do que nunca se impõe esse olhar para as onze coletâneas. Passo a passo, comparecem interrogantes da pesquisa teórica e das práticas profissionais, representadas nas dez edições posteriores ao primeiro encontro na série *Novo Pacto da Ciência*: o segundo volume de seminários e ensaios, de 1993, registra a voz *Do Hemisfério Sol*; sucessivamente, seguem-se os temas *Saber Plural* (1994); *Sobre Vivências – No mundo do trabalho* (1995); *Agonia do Leviatã – A crise do Estado moderno* (1996); *Planeta inquieto – direito ao século XXI* (1998); *Caminhos do Saber Plural* (1999); *Ciência e Sociedade – Mediações jornalísticas* (2005); *Diálogo Portugal-Brasil – Novas Realidades, Novos Paradigmas* (2008); *Energia, Meio Ambiente e Comunicação Social* (2009); *Liberdade de Expressão – direito à informação nas sociedades latino-americanas* (2010).

As reflexões e experiências desta e de outras séries que coordenei testemunham a atenta escuta e o esforço de aperfeiçoamento perante os impasses do **estar afeto ao Outro e sua circunstância**. E neste volume comemorativo dos 30 anos de transdisciplinaridade, o privilégio de reunir alguns dos valorosos colaboradores da reflexão e da prática do **Saber Plural**. Dois dos ensaios fazem parte da série **Novo Pacto da Ciência**, mas por sua importância e em homenagem póstuma a Artur Teles de Araújo e Ana Maria Marangoni, republicamos a íntegra nesta edição.